> Palimpsesto e as relações de gênero em Elvira Vigna: um recurso como crítica ao patriarcado em *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas*

> Palimpsest and gender relations in Elvira Vigna: a resource as a criticism for patriarchy in *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas*

por Lucas Gabriel Soares

Mestrando na linha de pesquisa Crítica Feminista e Estudos de Gênero do programa de pós-graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa de Santa Catarina (FAPESC). E-mail: lucas.gabsoares@gmail.com. ORCID: 0000-0002-3950-0673.

Resumo

Este trabalho analisa a estrutura do romance *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas*, de Elvira Vigna como também, as relações sexistas às quais as personagens estão submetidas. Retratados por meio de uma narradora não revelada, estratégia estética realçadora da invisibilização da mulher dentro da sociedade, os casos de João, um profissional cujo único prazer é o sexo com garotas de programa, servem de retrato da construção da masculinidade e da dimensão patriarcal. Utilizando-se do artifício do palimpsesto como crítica ao patriarcado, o seguinte trabalho denuncia, a partir das leituras de textos de Monique Wittig e Gerda Lerner, como as diversas expressões do machismo se comportam através das sobreposições de vozes que emergem da narrativa.

Palavras-chave: Elvira Vigna. Palimpsesto. Patriarcado. Crítica Feminista. Memória.

Abstract

This article analyzes the structure of Elvira Vigna's novel *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas* as well as the sexist relations to which the characters are submitted. Portrayed through an undisclosed female narrator, an aesthetic strategy that enhances the invisibility of women within society, the stories of João, a professional whose only pleasure is having sex with prostitutes, serve as a portrait of the construction of masculinity and the patriarchal dimension. Using the palimpsest as a criticism for patriarchy, Vigna's work denounces, from the readings of texts by Monique Wittig and Gerda Lerner, the various expressions of sexism behavior through the overlapping voices that emerge from the narrative.

Keywords: Elvira Vigna. Palimpsest. Patriarchy. Feminist Critique. Memory.

>Artigo recebido em 01.06.2020 e aceito em 28.07.2020.

1. Introdução

Este artigo pretende de alguma maneira estabelecer uma discussão envolvendo as relações de poder, tais como as assimetrias de poder nas relações de gênero, as diversas expressões do machismo e o patriarcado como elemento estrutural, atualmente presentes na estrutura social ocidental. O trabalho não se destina em observar os papéis de gênero como um voyeur, alguém de uma inevitável responsabilidade. Pelo contrário, ao analisar estas manifestações, se consegue vislumbrar os privilégios que o discurso heterossexual – como instrumento da universalização das categorias – concede a determinados grupos da sociedade. Ao considerar que a “escrita é política ao embaralhar gêneros, discursos, assuntos, línguas, lugares”¹, os estudos da crítica feminista passam a assumir uma posição alternativa para os pressupostos da teoria, revendo conceitos e propondo uma discussão para se entender o fazer literário e suas implicações nas relações de gênero.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu em 1998 provoca uma análise em seu livro, *A dominação masculina*, sobre a influência das instituições nas relações estabelecidas entre o homem e a mulher. Reflete, sobretudo, sobre as arbitrariedades dessas estruturas sexuais que lançam sobre as mulheres e as preparam, “ao menos tanto quanto os explícitos apelos à ordem, a aceitar como evidentes, naturais e inquestionáveis”² essas tais configurações. No mesmo ano, teóricas feministas insatisfeitas com a carência de um estudo mais profundo sobre as relações de gênero no livro, infligiram críticas contundentes ao

¹ Lia Duarte Mota, “Um corpo de leitura”, 2019, p. 8.

² Pierre Bourdieu, *A dominação masculina*, 2010, p. 71.

pensamento do autor, levando-o a reescrever o texto original algumas vezes e a realizar comentários a determinadas posições feministas.

O patriarcado é uma construção histórica formada por homens e mulheres em anos de reiterações de um *establishment* comportamental. A ordem dos gêneros influenciou de maneira profunda o *corpus* do estado, controlando não apenas as decisões políticas, mas cerceando liberdades, delimitando funções e promovendo posições de privilégio. É evidente que a cultura do patriarcado só conseguiu se instalar da maneira como a vemos hoje, com a convenção de um sistema que se apoia na assimetria de gênero para negar a educação formal às mulheres e meios para uma independência econômica e financeira. A restrição se deu também através da falta de acesso de uma identificação histórica que pudesse contribuir com a emancipação feminina. Qualquer desvio de conduta, sexual ou social, poderia ser interpretado como um dissenso ao dispositivo patriarcal, causando nessas mulheres retaliações graves no seu tecido social já marcado. Com isso, o subordinado passa a moldar suas vidas conforme as opções que se revelam, “troca submissão por proteção, trabalho não remunerado por manutenção”³ que apenas altera as nomenclaturas e não ressignifica sua posição dentro das estruturas sociais. Durante milhares de séculos de consolidação, o sistema patriarcal passou a agir no constructo mental das pessoas, suas concepções de mundo, os delimites da regra e suas represálias, e na tríade de sexo, classe e raça, onde, com arbitrariedade, escolheu quais seriam privilegiadas na paisagem coletiva da sociedade. Aprisionando, sobretudo, mulheres na

³ Gerda Lerner, *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*, 2019, p. 267.

consciência de uma falácia androcêntrica que as limita a acreditar que devem contribuir na manutenção desse mesmo sistema que as explora.⁴

Ao seguir esse percurso, ler *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas* de Elvira Vigna é de certa maneira um respiro que rompe com determinados padrões. Com seu linguajar muitas das vezes despudorado – cru como deve ser a realidade – a autora se solidificou, a cada livro escrito, como uma das vozes mais originais da literatura contemporânea brasileira. Nascida no Rio de Janeiro em 1947, a desenhista e autora Elvira Vigna só publicou seu primeiro livro destinado editorialmente ao público adulto em 1988. Graduada em literatura pela Universidade de Nancy, na França, e mestre em comunicação pela UFRJ, foi finalista de prêmios como o Oceano com o livro *Por escrito* de 2014 e vencedora da APCA de Literatura com *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas* de 2016, este último concedido postumamente após seu falecimento em 2017. Partindo de um lugar de fala da classe média carioca, suas obras se destacam principalmente pela estética de uma escrita não-linear, que conduz pelas idas e vindas de uma linguagem que prefigura o futuro estando no presente. As relações de poder e seus abusos não se mostram, à primeira vista, como uma decisão explícita da autora, avessa a um certo enquadramento, suas posições políticas se revelam por meio de personagens femininas a procura de uma identidade. As mentiras e os assassinatos – situação comum em seus romances – sempre escondem uma crítica, um artifício estético que elenca os caminhos em direção a uma literatura que representa de maneira encarniçada a sociedade patriarcal-burguesa-heterossexual.

⁴ *Ibidem*, p. 268.

O poeta francês e crítico literário Stéphane Mallarmé defende a ideia de que a literatura – mas podemos dizer da arte em geral – na sua essência, “existe e, por assim dizer, sozinha, à exceção de tudo”⁵. Sob a ótica da crítica feminista, não refletir que a obra literária enquanto objeto artístico é também matéria da cultura androcêntrica, é ignorar as discrepâncias que resultam do domínio do discurso masculino sobre o feminino. O que se deve observar, primeiramente, é como a estrutura linguística age no entendimento do meio. Sua gramática é induzida conforme o modelo geral de entendimento do mundo e sua ordem simbólica estrutura sintaticamente a forma de pensar sobre o valor de um determinado objeto. Ao se aprofundar nas leituras da crítica feminista, tais como *O pensamento heterossexual*, de Monique Wittig (2005) e *A heterossexualidade compulsória e existência lésbica*, de Adrienne Rich (2010), conseguimos pensar acerca da perpetuação da cultura heteronormativa, viabilizando o diagnóstico de possíveis androcentrismos decorrentes das falas das personagens ou, também, das opiniões abordadas no gesto do autor que, conforme explica o filósofo italiano Giorgio Agamben (2007) em seu livro *Profanações*, torna-se apenas o fiador de sua própria ausência na obra, cabendo ao leitor, por sua vez, retrair essa ausência como infinito recomeço do jogo. Essa visão de recomeço interpretativo, pode tornar possível, ao levantar um perfil do personagem com seus machismos estruturais e preconceitos enraizados, o processo performático que tendem a constituir corpos identitários. O contato gerado por essas identificações possibilita múltiplas sensações no leitor, ainda que seja o desconforto da exposição desses estereótipos e preconceitos, a reflexão

⁵ Stéphane Mallarmé *apud* Leyla Perrone-Moisés, *Mutações da literatura do século XXI*, 2016, p. 9.

resultante dela torna possível modificar substancialmente determinadas estruturas discursivas perpetuadas na literatura e na sociedade em geral.

Com uma noção política, mas principalmente estética, a literatura de *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas* proporciona uma discussão pertinente na conceptualização das relações de poder, ao focar no papel que o homem branco-heterossexual, reconhecidamente privilegiado, possa ter ao deixar de ocupar postos de autoridade.

2. Palimpsesto

Na Idade Média, entre os séculos VII e XII, tornou-se popular, devido ao alto custo do material, a prática de apagar as inscrições de um pergaminho para sua reutilização. A repetição do ato de lavar e raspar os pergaminhos e papiros deixavam marcas na superfície e se podia presenciar os antigos escritos pela transparência macia da pele. A sobreposição de um texto sobre o outro dava uma sensação de interferência, como se as cicatrizes não deixassem de se manifestar. A analogia serviu de ilustração para o teórico literário Gérard Genette pensar sobre a implicação que um texto pode ter na compreensão de outro, sobretudo o texto literário:

Assim, no sentido figurado, entenderemos por palimpsestos (mais literalmente hipertextos), todas as obras derivadas de uma outra obra anterior, por transformação ou por imitação. Dessa literatura de segunda mão, que se escreve através da leitura o lugar e a ação no campo literário geralmente, e lamentavelmente, não são reconhecidos. Tentamos aqui

explorar esse território. Um texto pode sempre ler um outro, e assim por diante, até o fim dos textos⁶.

O autor se detém de maneira mais concentrada no conceito de hipertexto que consiste especificamente na relação de um texto sobre seu correspondente, podendo ser dado de maneira simples (direta) como uma referência explícita ou por imitação (indireta) que se afasta um pouco mais do hipotexto mas não deixa de referenciá-lo. Desta forma, nenhum texto é isolado, como se fosse “próprio da obra literária que, em algum grau e segundo as leituras, evoque alguma outra e, nesse sentido, todas as obras são hipertextuais”⁷. A aproximação de ideias, suas paráfrases e empréstimos se anunciam em outra obra, convertendo-se nesse mesmo objeto que a emprega. A obra anterior não perde sua gênese, mas não volta como uma mesma coisa. “Mesmo um modelo circular como o do eterno retorno nega a crença ingênua no retorno do mesmo”⁸. Se pensarmos que cada período histórico resgata em algum nível características de outras épocas, como por exemplo a ruptura do renascimento com a idade média e o retorno ao período clássico, ou se pensarmos em termos literários, o arcadismo brasileiro que retoma o classicismo em suas obras poéticas, a história, o tempo e a memória, também podem ser entendidas como uma espécie de palimpsesto e, como explica Genette, da mesma forma se pode “buscar em qualquer obra os ecos parciais, localizados e fugidios de qualquer outra, anterior ou posterior”⁹.

O processo decorrente das transformações sociais demonstra, por meio de uma sistemática, os resultados de uma construção realizada por grupos, homens

⁶ Gérard Genette, *Palimpsesto literatura de segunda mão*, 2010, p. 7.

⁷ *Ibidem*, p. 24.

⁸ Georges Didi-Huberman, *Diante do tempo: História da arte e o anacronismo das imagens*, 2015, p. 273.

⁹ Gérard Genette, *Op. Cit.*, 2010, p. 24.

e mulheres, que desempenharam investidas na realidade – uma realidade carregada de memórias e marcas herdadas de uma civilização anterior. A interpretação desse processo dialético consiste em encontrar saídas para os eventuais problemas e proporcionar um plano de desenvolvimento que consiga dar continuidade às fundamentações primeiramente geridas e posteriormente desejadas. Nesse sentido, a realidade de uma estrutura histórico-social, sempre revestida de valores, pode ser interpretada a partir dos reflexos de seu tecido histórico marcado por outras gestões ou, em outras palavras, como o artifício do palimpsesto, procurando pelas escrituras sobrepostas “as perguntas do passado que queremos que sejam respondidas no presente”¹⁰. Diante dessa situação, essa presença do pregresso fundamenta a realidade atual e rege suas estruturas. No passado o homem delimitou a propriedade privada, tornou a relação monogâmica e submeteu um sexo sobre o outro, com isso, o regime patriarcal passou a desempenhar um papel de regência hierárquica dos sexos, não apenas na relação conjugal, mas em todos os segmentos da sociedade. A cultura do patriarcado funciona como um condutor das categorias universais que até pouco tempo eram incontestáveis e inegociáveis. O dispositivo do patriarcado exerce um padrão sequencial, fazendo com que eventos sucessivos não se apaguem com o surgimento do outro.

Essa esteira de padronização serve de tônica para as perguntas realizadas por mulheres e grupos considerados minoritários nas configurações das relações de gênero. A reescritura, tal qual as pinceladas de uma obra, sobrepõe um texto sobre o outro, alterando excertos, sentenças ou até ideias que transcorrem pelo processo da produção: “Toda situação redacional funciona como um hipertexto

¹⁰ Gerda Lerner, *Op. Cit.*, 2019, p. 41.

em relação à precedente, e como um hipotexto em relação à seguinte. Do primeiro esboço à última correção, a gênese de um texto é um trabalho de auto-hipertextualidade”¹¹. Ainda que o discurso altere a substância de um passado, é a partir dessas marcas que se torna possível refletir sobre o impacto que essas reiteraões tiveram nesse mesmo discurso e sobre como a cultura do patriarcado soube, junto com o homem, ajustar suas práticas para continuar ditando os modelos que permanecem submetendo mulheres e minorias ao esquema androcêntrico da heteronormatividade e das relações de gênero.

3. A relação de poder e de gênero pela visão das personagens em *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas*, de Elvira Vigna

Na literatura de Elvira Vigna, nada parece assumir realmente uma posição clara à primeira vista. Por isso, a atenção, a necessidade de um leitor com auscultar minucioso que assuma a posição tanto de conduzido quanto de coautor, semelhante a da narradora do romance de *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas*, que, nas lacunas deixadas pelas histórias sexuais de João, um profissional de TI contratado por uma editora prestes à falência para modernizar o empreendimento, recorre mais às ausências discursivas do interlúdio do que propriamente às aventuras com garotas de programa que João conduz uma sobre a outra em pinceladas e raspagens feito um palimpsesto.

Aí o que resta é um pedaço de papel, nunca muito grande. Os desenhos são no tamanho A3. Cabem na parte de dentro de uma porta de armário. Talvez outra pessoa, olhando aquilo, perceba um rastro do que foi vivido durante o acontecimento do desenho. Um rastro, um vestígio. E só. O vivido ficando para trás, mas reaparecendo, como tinta que reaparece quando

¹¹ Gérard Genette, *Op. Cit.*, 2010, p. 140.

outra é posta por cima sem o selante, transpirando por cima da que lhe é posta em cima, sempre e sempre. Mas aparecendo como vestígio¹².

A escritora e crítica feminista Monique Wittig, disposta a superar a noção de gênero, explica em seus ensaios, sobretudo o “Pensamento heterossexual”, o funcionamento da linguagem, principalmente suas relações no campo político. Estas linguagens, ou melhor, estes discursos, encaixam-se uns aos outros, interpenetram-se, apoiam-se, reforçam-se e dão origem uns aos outros.¹³ Seu olhar crítico parte em direção dessas redes de poderes que se transformam em locais de multiplicidade linguística, e como essas impregnações agem sobre a sociedade e se encaixam para favorecer o discurso heterossexual.

A maneira como a linguagem se comporta assemelha-se ao artifício do palimpsesto: o apoio sobre o outro. O registro superficial da linguagem está impregnado de acepções anteriores, como se o que vemos não tivesse significado, ou melhor, apenas um significado, mas essas manifestações linguísticas sempre se apoiam nos registros anteriores para fazer sentido. Essa sobreposição pode ser explicada no próprio dialogismo do romance, as histórias são de João, mas quem as narra sem muita convicção é a protagonista inominada, tudo com um objetivo singular: criar um perfil de Lola, a ex-esposa de João.

A narrativa de *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas* nos demonstra claramente que a memória não apenas é construída em camadas, como as camadas interferem umas nas outras, sendo, portanto, impossível apagar o passado. Podemos superá-lo. Podemos escrever por cima. Podemos até mesmo construir uma nova história. Não podemos apagar o que aconteceu¹⁴.

¹² Elvira Vigna, *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas*, 2016, p. 211.

¹³ Monique Wittig, “El pensamiento heterossexual”, 2005, p. 46.

¹⁴ Carolina Vigna Prado; Pedro Taam, “A construção da memória como um palimpsesto”, 2017, p. 49.

As relações de poder são expressamente identificadas no comportamento das personagens. A cultura patriarcal e suas mazelas impregnam no texto como um componente estético, servindo de espelho para o leitor que, em convivência com as estruturas do patriarcado, reproduz determinados discursos e mantêm as relações de gênero hierarquizadas, “remontando ao próprio passado de submissão das mulheres ao poder patriarcal e seus efeitos devastadores na ligação entre homens e mulheres, bem como na maneira como eles se veem e se relacionam em sociedade”¹⁵.

Na dicotomia oprimido/opressor enxergam-se as assimetrias do poder como uma estrutura rígida – preliminar – onde os seres se vestem e se conformam nas suas posições sociais. Na linguagem, conforme corrobora Monique Wittig, a comunicação é explorada com a finalidade de incorporar um discurso dominante. O sujeito envolvido por este inconsciente linguístico se torna suscetível à instrumentalização dessas manifestações conceituais, tal como uma gramática universal assimilada e suscitada pelo campo social como absoluta.

João encarna, junto com seus colegas de escritório e seu melhor amigo, Cuíca, os reflexos do machismo estrutural desenvolvido no compósito *corpus* da sociedade. Percebe-se que a sociedade heterossexual se caracteriza, principalmente, pela habilidade que os homens – em sua grande maioria brancos – têm ao negar a sexualidade das mulheres, inviabilizar práticas homoafetivas e, tanto física como psicologicamente, privá-las de seus movimentos e direitos. A figura da mulher, seguindo a lógica heteronormativa, é apenas um instrumento

¹⁵ Suzane Moraes da Veiga Silveira, “A ressubjetivação da mulher e a desconstrução do mito do homem moderno em *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas* de Elvira Vigna”, 2017, p. 176.

de reforço da identidade patriarcal, como um adorno de ouro nas cabeças masculinas que se transforma em um símbolo da posição que o homem ocupa na sociedade. Essas "instituições nas quais as mulheres são tradicionalmente controladas [...] têm sido fortalecidas através da legislação, como um *fiat* religioso, pelas imagens midiáticas e por esforços de censura"¹⁶. A relação autoritária ainda serve de subjugo para manter as hierarquias sociais bem estabelecidas, principalmente, no caso das garotas de programa que se tornam inexistentes, apenas válvulas da agressividade de homens apegados ao regimento patriarcal-burguês-heterossexual.

A relação palimpséstica se configura dentro da trama através da relação intrincada em que as vozes são submetidas. A narradora procura, como em um processo arqueológico, obter mais características das garotas com quem João se relaciona e dar substância a elas, trazê-las ao convívio e desnudá-las desse aspecto narrativo o qual João insiste em reproduzir: "quando ele tentava descrever as garotas, ou quando não tentava e eu pedia, sempre começava da mesma maneira"¹⁷. A repetição das histórias potencializa o efeito de sobreposição característico do palimpsesto, saindo do mundo de João, que transpassa as vidas dessas mulheres e chega como objeto de significação para a narradora. Ela interpreta essas histórias e tenta preencher suas lacunas com seu olhar: "por muito tempo achei que ser novinha era uma fixação mais para a pedofilia da parte dele"¹⁸. Além disso, procura sublinhar a existência dessas

¹⁶ Adrienne Rich, *Heterossexualidade compulsória e a existência lésbica*, 2010, p. 18.

¹⁷ Elvira Vigna, *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas*, 2016, p. 59.

¹⁸ *Ibidem*, p. 60.

mulheres que se apresentam por João como seres inaugurais, carentes de marcas e histórias:

Eram novinhas no sentido de que não tinham marcas, gestos, expressões, coisas que as individualizassem. De algumas, ele lembrava de alguma coisa, um nariz um pouco maior, um jeito mais sacana de rir inflando as narinas ou franzindo o nariz. Ou era ele que punha, nelas, características, lembranças e ilações que nelas não havia¹⁹.

A existência dessas mulheres está estritamente ligada às experiências que marcam suas histórias. A narradora que se encontra no artifício palimpséstico do romance se concentra em dar fisionomia a essas personagens ao procurar saber detalhes de suas vidas, conduzindo a narrativa para fora dos interesses próprios de João e comportando essas vivências no jogo que têm as prostitutas como marco inicial.

Partindo desta exposição, tornam-se coerentes as atitudes desempenhadas por João. Suas aventuras sexuais com as garotas de programa sem nomes e sem fisionomias, praticamente ausentes de existência, e principalmente no enorme descaso com seu casamento, são maneiras que o personagem encontrou para manter intacto seus privilégios. Porque ele “precisa chegar das viagens e olhar Lola com o olhar superior de quem viveu algo que ela não sabe, e esse não saber, tanto quanto o conteúdo do que ela não sabe, a humilha e a anula. João precisa disso”²⁰. A prática exercida pela personagem apenas reforça o estereótipo de violência desempenhada pelo patriarcado e pela heterossexualidade compulsória. Javier Saéz, teórico *queer* que traduziu obras de

¹⁹ *Ibidem*, p. 60.

²⁰ *Ibidem*, p. 81.

Adrienne Rich para o espanhol, elucida sobre sua filosofia na interpretação das relações heterossexuais, ao dizer que

Rich denuncia a promoção do amor heterossexual desde as instituições, a cultura, a família e a sociedade como uma forma de doutrinação que vai levar as mulheres a aceitar sua opressão e a violência que se exerce contra elas: a necessária busca do homem, para o destino universal do matrimônio conduz, muitas mulheres, a posições intoleráveis como ser objeto de troca nos casamentos arranjados, ser violentadas, ser humilhadas ou marginalizadas no lugar de trabalho, ser maltratadas ou confinadas no lar²¹.

Os homens revelam na narrativa um modo mercantil de enxergar as esposas, colocando-as como objetos de seus caprichos, restringindo muitas vezes as suas próprias liberdades, “uma vez que, em muitos momentos do convívio social e em diversos meios, a figura da mulher é reduzida à sua sexualidade (ou a seu papel de esposa e de mãe), como se existisse apenas em função do homem, sem possuir uma identidade própria”²². João desumaniza as mulheres com quem se deita. Precisa silenciá-las para conseguir pronunciar. Para o personagem, o conceito de alteridade é expresso da seguinte maneira, pois “na medida em que a mulher é considerada o Outro absoluto, isto é – qualquer que seja sua magia – o inessencial, faz-se precisamente impossível encará-la como outro sujeito”²³. Ao reconhecê-la como não sujeito a sua invisibilização e sua dessubjetivação se tornam mais facilmente tangíveis.

²¹ Javier Saéz *apud* Rafael Leopoldo, “O Pensamento Lésbico e a Teoria Queer: Wittig, Rubin e Rich”, 2018, p. 119.

²² Suzane Moraes da Veiga Silveira, “A ressubjetivação da mulher e a desconstrução do mito do homem moderno em *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas* de Elvira Vigna”, 2017, p. 177.

²³ Simone de Beauvoir, *O segundo sexo: a experiência vivida*, 1970, p. 90.

O resultado de João como um reflexo da cultura patriarcal que atravessou os séculos se modificou em nomenclatura, atuação e dinâmica, mas seus objetivos – hierarquização dos gêneros; subjugamento da mulher; a violência sistemática; controle das relações de poder – sempre foram alcançados. Com o advento da pós-modernidade as relações de dominação se tornaram cada vez mais imperceptíveis, tornando possível o convívio interno de dois corpos contraditórios, ao mesmo tempo vítima e agressor, que os leva a explorar a si mesmos. Com as instituições de poder virtualizadas no *corpus* da sociedade, o homem moderno recorre a equívocos quando não se considera perpetuador da cultura do próprio patriarcado. A maneira como este dispositivo opera atualmente se utiliza de conceitos naturalizados pelas convenções sociais para cercear as liberdades e promover uma sociedade adequada à cultura, tanto da política econômica, quanto dos conceitos criados pelo próprio regime androcêntrico para o agenciamento de sua permanência.

As aventuras sexuais são recitadas com uma certa vaidade. João se coloca como um Ulisses, herói grego protagonista do livro homônimo escrito por Homero, se este personagem fosse de alguma maneira o autor da epopeia. A vaidade se converte, com as palavras do próprio João, em transgressão ao estruturar uma fantasia com a intenção de enganar a esposa, a qual, na sua própria mente, representa uma espécie de contrato social, a um mesmo tempo objeto de decoração e empecilho com que reivindica com a sua liberdade.²⁴

No sentido teórico, essa transgressão é paradoxal, pois, enquanto se pensa que esteja rompendo com padrões, na realidade apenas os perpetua. As lacunas

²⁴ Suzane Morais da Veiga Silveira, *Op. Cit.*, 2017, p. 179.

deixadas por João na história, carregada de eventos sexuais que sobrepõem, uma sobre a outra, garotas de programa sem nomes e sem rostos, apenas colorem as características que ele julga serem importantes enquanto homem. Entretanto, nesse palimpsesto em que os encontros se formaram, é a história de Lola, a história de alguém que ela ainda não conhece, sua esposa, que passa a ser significada pelo apreciar tão particular da narradora. Essa justificativa se apresenta de maneira mais clara no seguinte trecho: “Porque é isso que faço agora. Estabeleço uma autoria. Não a minha. Nem a de João. De Lola, a grande ausente, a de quem não falávamos. A que estava fora de tudo. É sobre ela, isso”²⁵. A cumplicidade estabelecida de maneira quase natural entre a narradora e Lola é descrita por Adrienne Rich como resultado de um continuum lésbico, uma relação que abarcaria as múltiplas situações vividas pelas mulheres em outros momentos da história social e se distanciaria da perdida ideia de uma heterossexualidade compulsória, onde a sexualidade deveria estar num roteiro já escrito, dentro de uma obrigatoriedade heteronormativa:

A identificação entre mulheres é uma fonte de energia e de poder feminino potencial, contido e minimizado pela instituição da heterossexualidade. A negação da realidade e da visibilidade da paixão das mulheres por outras mulheres, da escolha das mulheres por outras como suas aliadas, companheiras de vida e de comunidade, ao se obrigar que tais relações sejam dissimuladas e até desintegradas sob intensa pressão tem representado uma perda incalculável do poder de todas as mulheres em mudar as relações sociais entre os sexos e de cada uma de nós libertar. Hoje em dia, a mentira da heterossexualidade compulsória feminina aflige não apenas a produção acadêmica feminista, mas toda profissão, todo trabalho de referência, todo currículo, toda tentativa de organização, toda relação ou conversação por onde ela se apresenta. Cria, especificamente, uma profunda falsidade, hipocrisia e histeria no diálogo heterossexual, pois toda relação heterossexual é vivida através do nauseante estroboscópio da

²⁵ Elvira Vigna, *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas*, 2016, p. 42.

mentira. Ainda que escolhamos nos identificar, ainda que nos achemos categorizadas, ela vibra amplamente e distorce nossas vidas²⁶.

Somente no decorrer do romance, quando a narradora-personagem passa a obter dados além dos causos sexuais, torna-se possível vislumbrar um aprofundamento no perfil de João, o de homem “estrangeiro de si mesmo, que não se entrega e, por isso, nunca consegue estabelecer um laço sentimental com alguém, apenas uma relação de dominação”²⁷. O homem, depois da mulher, é um dos componentes que mais sofrem com o regime patriarcal, pois a necessidade de corresponder às demandas pré-impostas pelo núcleo social vigente exige que eles se mantenham firmes a determinados comportamentos sociais. Na lógica do patriarcado, o sujeito precisa aceitar não apenas como definidos o sexo e o gênero, mas além disso, engendrar-se nessas categorias universais para realmente viabilizar sua própria existência. O funcionamento desta suposta dialética consiste em sujeitar o ser humano a se explicar a um outro que é diretamente responsável pelo infortúnio que o explora e o limita. No romance a tragédia pessoal de João é ser ele próprio vítima do machismo que impõe aos outros, na rivalidade obsessiva que estabelece com os outros homens e com Lola, bem como em sua incapacidade de lidar com suas próprias questões.²⁸

Solicita-se que João, ao narrar as histórias, as recite de forma que as vozes femininas não possam ser escutadas. Este silêncio impositivo fere com violência a identidade de inúmeras mulheres que são privadas de suas versões, que as finalizam em si, reservando a sua existência somente ao momento em que o

²⁶ Adrienne Rich, *Heterossexualidade compulsória e a existência lésbica*, 2010, p. 40-41.

²⁷ Suzane Moraes da Veiga Silveira, “A ressubjetivação da mulher e a desconstrução do mito do homem moderno em *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas* de Elvira Vigna”, 2017, p. 178.

²⁸ *Ibidem*, p. 180.

discurso do homem é pronunciado. O silêncio acometido pelo patriarcado está em toda parte, diferente do silêncio imposto pelos homens às mulheres, o silêncio masculino é regido pela própria estrutura de gênero da qual faz parte, exigindo dele comprometimento em troca de poder e pertencimento:

Quem melhor formulou esse conceito foi a ativista e teórica feminista, Bell Hooks. O primeiro ato de violência que o patriarcado exige dos homens não é a violência contra as mulheres. Em vez disso, o patriarcado exige de todos os homens que pratiquem atos de automutilação psíquica, que matem suas partes emocionais. Se um indivíduo não conseguir se mutilar emocionalmente, pode ter certeza de que os homens patriarcais encenarão rituais de poder que investirão contra seu amor-próprio²⁹.

A opressão sobre mulheres e/ou povos no período colonial se assemelha à forma assimétrica com que se comportam os conceitos totalizadores elaborados pelo pensamento heterossexual. A cultura, natureza e sexo – conceitos cujo significado foram assimilados pelo conjunto social desde sua criação – permanecem universais como se todas as etnias ao redor do globo – da Ásia à América Latina, passando pelo continente Africano – a compreendessem assim. A imposição da cultura heterossexual e ocidental é incorporada pelo inconsciente coletivo, mediado pela mídia e pela cultura, naturalizando-se, assim, pela maioria das civilizações. A única possibilidade de discurso é a que regimenta a sociedade, nesse sentido, não apenas mulheres são levadas ao silêncio, como também qualquer tipo de manifestação categórica que possa se divergir do patriarcado branco-heterossexual. Lésbicas e homens homossexuais são coagidos a se adequarem à língua do regime, a usarem terminologias, consumirem as mercadorias da cultura heterossexual e a se considerarem marginais ao tentar criar novas formas de comunicação.

²⁹ Rebecca Solnit, *A mãe de todas as Perguntas: reflexões sobre os novos feminismos*, 2017, p. 39.

O retrato emoldurado por Elvira Vigna na narrativa reflete como um espelho, ou melhor, como a célebre pintura de Courbet, *A origem do Mundo*, citada no romance de forma crítica, ao ilustrar a imagem da mulher em partes, como se “tendo buceta, pensar em pernas, braços e cabeça, ou seja, uma mulher completa, seria um esforço excessivo”³⁰, demonstra como o pensamento heterossexual se manifesta nos centros culturais. Ao utilizar como argumento que as imagens publicitárias e midiáticas não são artigos artísticos, cria-se uma ideia de que as artes consagradas são manifestações estéticas e estão isentas de qualquer artifício negativo. As imagens pornográficas, os filmes, as fotos de revistas, os pôsteres publicitários que vemos nas paredes das cidades, constituem um discurso, e este discurso que cobre o nosso mundo com seus signos tem um significado: as mulheres devem permanecer dominadas.³¹ Os personagens masculinos são alocados com o objetivo de transfigurar o machismo inerente nas relações pessoais. A narradora se utiliza de uma analogia para demonstrar como ela, uma recontadora das histórias de João, compõe a imagem do homem: “ao colocá-los em frente a um espelho, de forma que o homem se vê como ela o vê”³². Esse reflexo desempenha um papel fundamental no discurso feminista, pois, a manutenção dessas posições do discurso patriarcal que evocam as personagens a sua semelhança, serve de artifício de representação crítica e, com isso, consegue-se atingir o leitor com discussões pertinentes aos seus próprios machismos.

No ato da leitura, membros, vísceras, sistema nervoso e circulatório se comprometem, a leitura faz parte desse processo singular de disseminação

³⁰ Elvira Vigna, *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas*, 2016, p. 37.

³¹ Monique Wittig, “El pensamiento heterossexual”, 2005, p. 49.

³² Lia Duarte Mota, “Um corpo de leitura”, 2019, p. 2.

pertencente à escrita.³³ Neste sentido, destacar a potencialidade da literatura que contata o leitor com sua singularidade, possibilita que este possa ser mexido e reajustado pelo texto literário. Um corpo aberto que está disposto a fruir o texto e assim poder submergir das entrelinhas discursivas com novas perguntas. É evidente que este tipo de envolvimento depende não apenas de uma decisão, mas de toda uma atenção em relação à reiteração categórica, pois a identidade de gênero não é, assim, um ato singular, é aquela prática discursiva que produz aquilo que ela mesma enuncia e a reproduz em sociedade, o que a filósofa estadunidense Judith Butler chamaria de performatividade.³⁴ O “pensamento proposto pela literatura se direciona a uma aplicabilidade no mundo, a uma vida em sociedade, servindo para pensar o outro e a si mesmo”³⁵, e os estudos voltados à crítica feminista se utilizam destes textos para produzir formas efetivas de equidade de gênero e questionar determinados engessamentos que a heterossexualidade como expressão privilegiada produz sobre as mulheres.³⁶ A partir disso, o discurso compartilhado, reiterado e interpretado de forma estética e política, relaciona-se de maneira palimpséstica com a crítica que conduz a obra às suas significativas mudanças.

4. Considerações finais

O regime patriarcal, apesar de suas novas formas de se apresentar, é ainda uma realidade que norteia as práticas dentro das relações sociais. O conjunto de

³³ *Ibidem*, p. 1.

³⁴ Judith Butler, “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo”, 2018, p. 213.

³⁵ Lia Duarte Mota, *Op. Cit.*, 2019, p. 2.

³⁶ Monique Wittig, “Não se nasce mulher”, 2019.

normas que regimenta não só as relações de gênero como também suas viabilidades camuflam um dispositivo heteronormativo que controla as opções das mulheres, gays e lésbicas, de explorarem outras opções de identificação. O intuito deste texto foi estabelecer uma análise das relações de privilégio que os homens brancos heterossexuais possuem na sociedade e suas camadas que perpassam a história repetidas vezes marcando as relações de gênero tornando-as assimétricas no que tange as suas possibilidades e limites. A aproximação da teoria de Monique Wittig sobre o *modus operandi* do pensamento heterossexual com a ideia de palimpsesto do texto literário realizado por Gérard Genette demonstra, através dos exemplos da historiadora Gerda Lerner, como o patriarcado é sustentado por todos esses séculos, sendo revisitado e trazido sempre aos dias atuais.

No livro *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas*, de Elvira Vigna, as relações de poder e de gênero são ilustradas a partir dessas sobreposições de vozes entre autor-narrador-personagem, que fazem com que as memórias da opressão das mulheres pelos homens ainda se apresentem como reais. Se o objeto literário tem o poder de provocar afetos no leitor, é a partir deste contato que as relações de poder podem ser repensadas. O homem branco heterossexual precisa conhecer as histórias destes privilégios para poder refletir sobre as desigualdades de gênero e, feito isso, reconhecer que as dissimetrias existentes são resultantes de todo um processo palimpséstico das relações entre homens e mulheres.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (org). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2018.
- DIDI-HUBERMAN, George. *Diante do Tempo: história da arte e anacronismo das imagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.
- GENETTE, Gérard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.
- LEOPOLDO, Rafael. O Pensamento Lésbico e a Teoria Queer: Wittig, Rubin e Rich. *Revista Peri*. v. 10, n. 2, p. 123-141, 2018. Disponível em: <http://www.nexos.ufsc.br/index.php/peri/article/view/3036/2629>. Acesso em: 10 jan. 2020.
- LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Cultrix, 2019.
- MOTA, Lia Duarte. Um corpo de leitura. *Estudos de literatura Brasileira Contemporânea* – Revista do Instituto de Letras da UNB. Brasília, n. 58, e573,

fev. 2019. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182019000200301&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 set. 2019.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura do século xxi*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PRADO, Carolina Vigna; TAAM, Pedro. A construção da memória como um palimpsesto. *Ara – Revista do Grupo Museu/Patrimônio da Universidade da USP*. São Paulo, nº 2, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8354.v0i2p39-58>. Acesso em: 21 set. 2019.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e a existência lésbica. *Revista Bagoas*, Natal, n. 05, p. 17- 44, 2010. Disponível em: https://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v04n05art01_rich.pdf. Acesso em: 28 maio 2020.

SILVEIRA, Suzane Moraes da Veiga. A ressubjetivação da mulher e a desconstrução do mito do homem moderno em *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas*, de Elvira Vigna. *Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea – Revista do núcleo de Literatura da UFRJ*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 18, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/flbc/article/view/18043/14175>. Acesso em: 20 de set. 2019.

SOLNIT, Rebecca. *A mãe de todas as Perguntas: reflexões sobre os novos feminismos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

VIGNA, Elvira. *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

WITTIG, Monique. Não se nasce mulher. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de Hollanda (org). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 83-92.

WITTIG, Monique. *El pensamiento heterosexual*. Madri: Egales, 2005.

Referência para citação deste artigo

SOARES, Lucas Gabriel. Palimpsesto e as relações de gênero em Elvira Vigna: um recurso como crítica ao patriarcado em *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas*. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 2, número 2, p. 365 – 388, novembro de 2020.